

Gozo feminino não-todo e empuxo-à-mulher na psicose

Maria Luiza Rangel¹

Que diferença haveria entre o gozo feminino não-todo formulado por Lacan e o empuxo-à-mulher ocorrido na psicose?

Colocamos em tensão estes dois termos na perspectiva da clínica do NP, cujo paradigma ajuda a pensar melhor a questão. Lacan considera que o gozo do psicótico evoca o que as mulheres experimentam, mas dele nada podem dizer o que impõe uma diferenciação conceitual. Isto nos obriga a dizer em que essas duas modalidades de gozo diferem.

O gozo não-todo excede à função fálica, à castração e é efeito da passagem do sujeito feminino pela metáfora paterna. Este gozo é excedente e não complementar. Mas nem todo excesso de gozo nas mulheres corresponde ao gozo suplementar. Para autoras, analistas mulheres,² o gozo ilimitado na mulher pode ser detectado na clínica,³ na perspectiva da devastação ou no arrebatamento, ocasião em que a mulher encarna o objeto da fantasia perversa do homem em vez de semblantizá-lo na via do objeto causa do desejo.

A **devastação** designa os efeitos que o gozo Outro introduz no sujeito feminino e que se desdobram e se dividem entre a abolição subjetiva e a correlativa absolutização do Outro. Miller destaca⁴ que se, de um lado, o sintoma é a modalidade masculina de gozo, de outro, a devastação é a forma sintomática feminina.

A experiência mística é a referência de Lacan para esta modalidade de gozo, cuja aspiração é abolir-se no Outro. O “dar tudo” ao Outro implica uma abolição da própria subjetividade, então “tudo pelo Outro” é gozo não-todo, não regulado como propõe Lacan em **O Aturdido**⁵. O arrebatamento e a devastação constituem formas de absolutização do Outro quando está em foco um parceiro no campo amoroso. Quando uma mulher assegura-se de que “ou é aquele homem ou nada”, o parceiro adquire um poder de Outro absoluto. Capturada, desorienta-se e desregula-se ao ver o parceiro escapar desse lugar impossível. Quanto mais ela absolutiza o Outro, mais o homem tende a sair, já que é confrontado ao com sua castração e sua perda.

O resultado diz Miller⁶, interpretando Lacan, é a **devastação** como resposta à erotomania. Disposta a tudo, sem medida, o ser feminino termina por anular o semblante do falo ficando a mercê do sem limite desse gozo. Deixar-se transbordar por um homem é uma posição que a aniquila. Atingir esse ponto tão fora dos limites, que excede à lógica da castração a coloca numa situação de absoluta devastação: ela se desconhece como sujeito; o extravio a faz estranha - assusta-a e a aniquila.

Já o arrebatamento é fugaz: o sujeito é tomado por um sentir no corpo; não pode descrever este instante ocorrido a partir do objeto olhar, oriundo de uma contingência. Já não se é a mesma; há uma dessubjetivação prevalecendo o ser de objeto.

1 Analista Praticante. Membro da EBP e da AMP- Seção Bahia

2 Rovere, Silvia Ons, Dominique Laurent dentre outras.

3 Rovere, S (2011), C. Caras Del gozo feminino, Buenos Aires. Letra viva.

4 MILLER, J. -A. Uma partilha sexual. IN REVISTA CLIQUE. O sexo e seus furos. Nº 2. Agosto /2003

5 LACAN, J. (2003) “O Aturdido” In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro. Zahar Ed. P. 461

6 MILLER, J. -A. (1998). *O osso de uma análise*. Agente: Revista de Psicanálise. EBP-Bahia

Para Dominique Laurent⁷ na mulher haveria uma espécie de cursor que se desloca da devastação ao arrebatamento e inversamente. A lógica do cursor permite um deslizamento de um ponto a outro como um contínuo. Um homem pode significar um arrebatamento e, em outra ocasião, uma devastação.

Isto porque o ser feminino em razão do não-todo, tende a um sem limite, uma desregulação quando o ardor libidinal excede a baliza fálica, pois ela não pode subjetivar o impossível.

Já o empuxo- à-mulher que se vincula ao campo das psicoses, é um dos principais signos da forclusão do NP. Em *O Aturdido*⁸, Lacan aponta a posição sardônica do presidente Schreber na feminização dizendo que esta “se especifica com o primeiro quantificador das fórmulas da sexuação no lado em que ambas estão afetadas por uma negação.” Isso produz uma exceção, que se identifica como A Mulher (não barrada) como concernente à psicose. Daí pode ser entendida a frase de Lacan “O homem só encontra a Mulher na psicose”, enquanto que a fórmula idêntica aplica-se à posição sexual feminina do não-todo, A Mulher (barrada). Se “não existe mulher que não esteja submetida à função fálica” (só Scherer): pode-se escrever desse lado, a psicose que, como exceção faz existir a mulher. Schreber indica que o empuxo- à-mulher surge, quando, no término do trabalho de delírio, se produz a chamada a um gozo sem limites, revelador de uma deficiência da função fálica. A construção do delírio mostra que um efeito de significação não coordenado pelo falo, mas relacionado com a sexuação, teve um efeito resolutivo.

Pode-se aproximar o gozo não- todo feminino com o empuxe à mulher no seguinte:

O efeito subjetivo e as manifestações desses gozos diferem. Na psicose tem-se, em Schreber, um efeito sardônico, um riso sarcástico quando se destaca o primeiro esboço de uma feminização: “Miss Schreber”, dizem com escárnio as alucinações verbais. É um fato característico de que escarnecem o sujeito apontando a seu ser de gozo desprovido do limite fálico.

Na mulher este gozo é difícil de ser subjetivado, pois não se pode subjetivar o impossível.

O gozo não-todo tem na experiência mística uma de suas principais manifestações - um gozo que ultrapassa o limite da linguagem. Na mulher este gozo não pode ser dito, enquanto na psicose ele é expresso claramente em palavras, de forma sarcástica e delirante.

A absolutização do Outro é observado na psicose, sem a necessária presença de um parceiro, enquanto que a mulher não prescinde do parceiro em relação ao qual atualiza a devastação primeva com a mãe.

O efeito de feminização na psicose possui uma característica muito distinta do gozo suplementar. Na psicose o gozo foracluído é correlacionado a um significante que, embora não sendo o falo, desempenha algumas de suas funções para produzir uma significação delirante. Na mulher, o gozo não-todo está distanciado da referência ao falo, embora se mantendo relativo ao objeto. Na psicose prevalece a metáfora e, no gozo suplementar a metonímia.

Finalmente um ponto em comum aos dois é quanto à natureza do objeto. Tanto na mulher como na psicose, o objeto não opera via o semblante, prevalecendo o objeto enquanto real.

7 LAURENT, Dominique. La inconsistência Del outro em El sujeito feminino en “Registros” Tomo rouge mujeres, Ano 8, 2005. Buenos Aires. Citado por Rovere, Carolina. Caras Del goce femenino. Idem

8 LACAN, J. O Aturdido. Idem